

ALUNOS:

AILA OKADA – N° 6833831

GIOVANA BATISTA – N° 10802031

NATALI GAUDIO - 4925468

NATALIA GABRIEL – N° 10694949

RUBENS BRITO – N° 10787511

STEPHANY JANGARELLI – N° 7191358

LEITURA – ESTRATÉGIAS E PRÁTICA CULTURAL.

Docente: Giovana Maimone.

Anna Maria Marques Cintra.

- Graduação em Letras Clássicas pela PUC-SP (1965);
- Doutorado em Linguística pela USP (1973);
- Professora aposentada pela ECA.

Atuação em Linguística, com ênfase na língua portuguesa; leitura, ensino de língua portuguesa e português para fins específicos.



Mary Aizawa Kato.

- Graduação em Letras pela USP;
 - Mestrado em Estudos Linguísticos/Literários com inglês pela USP;
 - Doutorado em Linguística aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP;
 - Pós-Doutorado pela Universidade de Harvard e mais
- (UCLA, USC, Maryland e NYU)
- Professora aposentada pela Unicamp.

Atuação em Linguística, nas áreas do português brasileiro e português europeu, sintaxe, aquisição e mudança linguística .



“Estratégias de leitura em documentação”, em *Análise Documentária: a análise da síntese.*

- **Leitura com caráter interativo:**
 - Autor/Receptor;
 - Codificação isenta.
- **Três princípios básicos para legibilidade:**
 - Qualidade;
 - Conhecimento prévio;
 - Estratégias de leitura.

Qualidade.



- **Depende da autoria**
 - Manutenção do tema;
 - Correção gramatical;
 - Adequação lexical (vocabular);
 - Estruturação do texto.

Conhecimento prévio e estratégias de leitura.

- Fazem parte da prática bibliotecária/documentalista.
Neste caso, altera-se a interatividade autor-receptor.

Por quê?

Maior eficiência e precisão, com “esquemas”

- Aspectos cognitivos e quadros referenciais – *input* visual;
- Reconhecimento linguístico, conceitual e estrutural do texto
 - superestrutura, tipologia, contexto.

Teoria dos esquemas.

- Definições:
 - Esquemas são unidades que organizam sequências de eventos (VAN DJIK, 1980);
 - Um esquema é uma teoria prototípica de significado, porque corresponde ao significado de um conceito codificado em termos de situações ou eventos típicos ou normais, que instanciam esse conceito (KATO, 1983).

Exemplos esquemáticos:

De acordo com uma pesquisa de uma universidade inglesa, não importa em qual ordem as letras de uma palavra estão, a única coisa importante é que a primeira e última letras estejam no lugar certo.

35T3 P3QU3N0 T3XT0 53RV3 4P3N45 P4R4
M05TR4R C0M0 N0554 C4B3Ç4 C0NS3GU3
F4Z3R C01545 1MPR35510N4ANT35 !!
R3P4R3 N1550 !! N0 COM3ÇO 35T4V4
M310 COMPL1C4DO, M45 N3ST4 L1NH4
SU4 M3NT3 V41 D3C1FRANDO O COD1GO
QU453 4UTOM4T1CA4M3NT3, S3M
PR3C1S4R P3N54R MU1TO, C3RTO?

Estratégias de leitura.

- Fatores determinantes para a seleção de estratégias:
 - Finalidade da leitura;
 - Experiência do leitor;
 - Maturidade frente à tarefa de ler;
 - Tipo de texto lido;
 - Atenção mais concentrada em partes do texto;
 - Grau de novidade do texto;
 - Motivação para ler.

Tipos de estratégias.

- Cognitivas – comportamentos automáticos e inconscientes;
- Metacognitivas – comportamento desautomatizado
 - Uso da interpretação;
 - O leitor tem consciência de como está lendo.

Exemplos:

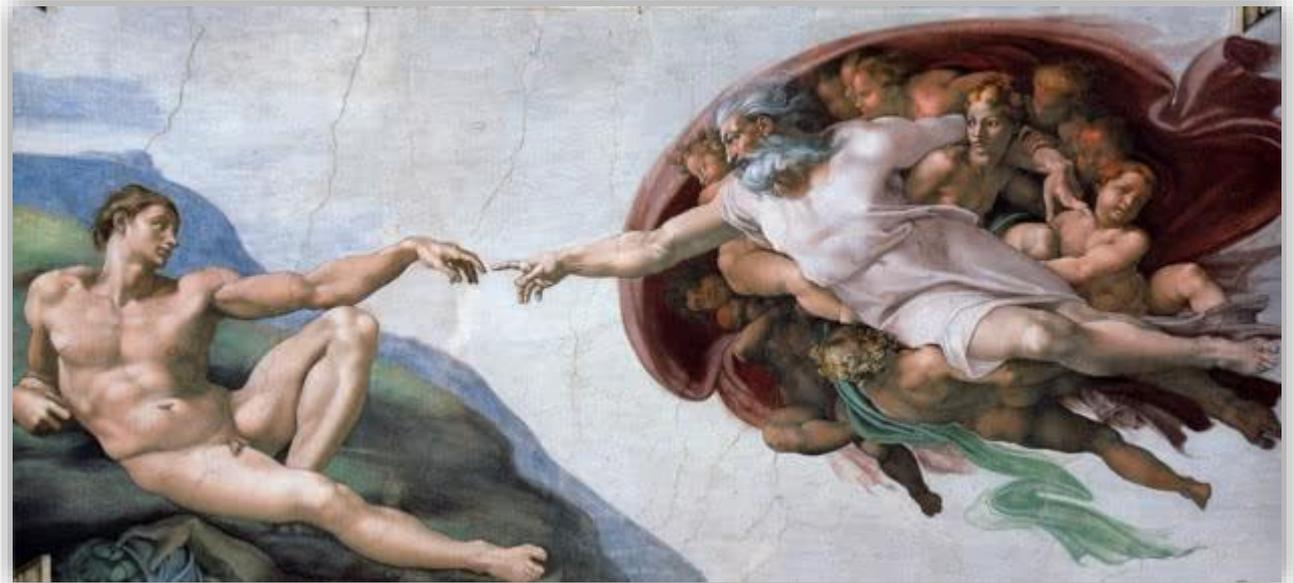
- **Cálice, por Chico Buarque/Gilberto Gil;**

Pai, afasta de mim esse cálice

Pai, afasta de mim esse cálice

Pai, afasta de mim esse cálice

De vinho tinto de sangue.



Princípios explicativos de Kato.

- **Canonicidade**
 - **Nível sintático;**
 - **Nível textual.**

- **Coerência**
 - **Global;**
 - **Temática;**
 - **Local;**

O leitor espera que o texto tenha e faça sentido.

Paradoxo das estratégias.



- Toda leitura envolve as duas estratégias;
- Quanto menos atividades metacognitivas o texto exigir, mais legível ele será;
- Apenas a leitura automática pode levar à incompreensão.

Kato (1985, p.64).

- “a legibilidade pode ser igualmente uma função do equilíbrio entre a natureza parcialmente prototípica e não prototípica do *input*”.
- Natureza parcialmente prototípica – favorece a assimilação;
- Natureza não prototípica – motiva o interesse.

Expectativas inconscientes.

- “No caso de qualquer insucesso o leitor dispõe de mecanismos ou estratégias de superação que aplicadas conscientemente, podem levar à compreensão.”

Estratégias de Brown (1980)

O leitor experiente está preparado para:

- Monitorar, enquanto lê, a finalidade e a compreensão da leitura;
- Identificar as partes mais importantes do texto;
- Concentrar mais atenção sobre conteúdos principais, basicamente sobre o tema;
- Fazer a segmentação do texto, identificando as macro-proposições semânticas, isto é, as sequências que contêm as informações principais;
- Proceder a ações corretivas, quando são detectadas falhas no processo

A leitura: uma prática cultural

Debate entre Pierre Bourdieu e
Roger Chartier



Pierre Félix Bourdieu

- França (1930 - 2002) – 71 anos
- Graduação em Filosofia pela École Normale Supérieure em Paris (1954)
- Membro do Centro de Sociologia Europeia (1960)
- Professor na École de Sociologie do Collège de France (1981)
- Áreas de atuação: sociologia e antropologia; vasta produção acadêmica abordando temas dentro da sociologia, educação, política, cultura e literatura.

Roger Chartier

- França (1945) – 72 anos
- Graduação história e licenciatura pela Escola Superior de Saint Cloud (1964-1969) e pela Universidade de Sorbonne (1967)
- Professor-titular de Escrita e Cultura da Europa Moderna do Collège de France (2006)
- Membro do Centro de Estudos Europeus da Universidade de Harvard
- Áreas de atuação: história do livro, da edição e da leitura; história da cultura.

Debate sobre a Leitura



- Problema da Leitura – abordagens compartimentadas
- Conectar as abordagens conduzidas em termos de Crítica literária e em termos Históricos
- Leitura como consumo cultural

Auctor x Lector

- Auctor é aquele que produz - “filho de suas obras”
- Lector: a sua produção tem como tema as obras dos outros
- Escritor x Crítico

Como a leitura se dá através do tempo

- Bourdieu, em sua abordagem antropológica, trata daquilo que ele chama de erro por parte dos etnólogos, “que consiste em ler as práticas como se se tratassem de escritos”. (2011:232).
- Como exemplos, Bourdieu cita um ritual de dança, ao qual não pode ser atribuída uma formulação lógica, pois isso alteraria a sua essência.
- - Estatuto social do documento: para que tal texto foi feito? Para ser lido ou para comunicar uma prática, um modo de agir?

Ato de ler – experiências individuais X coletivas:

- Para Chartier: “Creio, por exemplo, que nos meios urbanos, entre os séculos XVII e XVIII, existe todo um outro conjunto de relações com os textos que passa pelas leituras coletivas, leituras que manipulam o texto, decifrado de uns para outros, por vezes elaborado em comum, o que põe em jogo alguma coisa que ultrapassa a capacidade individual de leitura”

Leitura interna/ estrutural:

- Bourdieu trata da leitura interna, a que ele chama de estrutural, e que seria a leitura “que considera um texto nele mesmo e por ele mesmo, que o constitui como autossuficiente e procura nele mesmo sua verdade, fazendo abstração de tudo o que está ao redor” (2011:233)
- - Este modo de ler seria uma invenção relativamente recente
- - Equivalente deste tipo de leitura em tempos antigos: leitura de textos sagrados.
- - Importância de compreender nossa relação com os textos para escapar dos efeitos das circunstâncias, daquilo que seria imposto como modelo de leitura.

Público leitor / Manipulação da leitura

- **Bourdieu:** oposição entre longo e curto indica o público visado à leitura de determinado texto.
- Uso de itálico, das maiúsculas, dos títulos e subtítulos indica a intenção de manipular a recepção.
- **Chartier:** regras de produção impressa mudaram ao longo dos séculos;
- Essas mudanças indicam as intenções de público e de leitura;
- Quando um texto passa a um nível de circulação popular sofre mudanças, tais como a fragmentação, seja no nível do capítulo, do parágrafo etc.

Tipo de leitor: nível de instrução X Origem social

- Para Bourdieu: o nível de instrução hoje possui mais peso que a origem social na determinação de um tipo de leitor e das escolhas de leitura feitas por este leitor.
- Relação entre sistema escolar e leitura. A introdução do sistema escolar mudou o modo de ler e o tipo de leitor.
- O nível de instrução do leitor determina nossas ideias a respeito daquilo que ele lê e de como ele realiza esta leitura.

Leitura: uma necessidade?

- **Bourdieu:** a leitura ocorre quando há um tempo que pode ser desperdiçado. Não existiria, portanto, uma necessidade de leitura.
- **Chartier:** em oposição a Bourdieu, cita a necessidade de leitura desde as oficinas do século XVI, quando livros serviam como guias para as práticas profissionais.
- **Bourdieu:** livro como produto, que depende das características sociais dos consumidores. É preciso que haja uma crença na necessidade do livro e da leitura.

- Aprendizagem da leitura = Aprendizagem da decifração e do saber ler em seu nível elementar
- Capacidade de leitura hábil = Habilidade de apropriação de diferentes textos, visando melhor compreensão e construção de conhecimentos.
- Qual o lugar da aprendizagem escolar numa aprendizagem de leitura?

Chartier (p. 240-241)

- “O interessante aqui é o fato de mostrar(...) como a aprendizagem da leitura se apoia muito mais sobre os questionamentos pré ou extra-escolares, ligados à descoberta pela criança de problemas que pertencem à difícil compreensão da ordem do mundo, do que sobre uma escolaridade ou uma aprendizagem escolar”

- 
- Leitura e poder
 - Produção de crença no valor do bem cultural
 - Importância da “boa leitura”
 - “Cânone” por quem e para quem?

- 
- LeituraS, no plural
 - “(...) leitura como um espaço próprio de apropriação jamais redutível do que é lido” (p.244)

Referências bibliográficas

- CINTRA, A. M. M. **Estratégias de leitura em documentação.** In: SMIT, J. W. (Org). *Análise documentária: a análise da síntese.* 2. ed. Brasília: IBICT, 1989. (Livro Biblioteca / ECA ou xérox).
- BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. **A leitura: uma prática cultural.** In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura.* São Paulo: Estação Liberdade, 2001. 2 ed. p. 231 - 253. (Livro Biblioteca / ECA ou xérox).